

O princípio de Sheila

ANTONIO CONTENTE

Sheila voltou da Bahia e entrou eufórica no escritório, a pele do rosto outrora transformada em cor-de-rosa, sob a dimensão da beleza quase fatal dos cabelos loiros. Na realidade, ela estava apenas esperando que alguém perguntasse aquilo, por isso de alguma forma vibrou interiormente quando um colega murmurou:

"E que tal Salvador?"

Sheila levantou o polegar dourado, e sua voz, digamos, ressoou, cristalina:

"Joia, uma beleza."

Abrindo um riso do tamanho do universo:

"Realmente uma beleza."

Agora, se havia alguém naquela sala, vasta sala, diga-se de passagem, que prestava uma tremenda atenção para aquela festa toda, esta pessoa era Asdrúbal, um dos funcionários mais antigos da firma. Beirando os sessenta, sessenta e cinco (ou talvez até seis) anos, tinha passado praticamente a metade da vida ali naquela mesa, solteirão e triste, ruminando a vida e as amarguras. Mas, uma coisa era certa, certíssima: apesar de falar muito pouco com as pessoas, Asdrúbal, no mundo pasmo da sua solidão, gostava de apreciar a euforia das mocinhas, muito particularmente de Sheila. Por isso,

naquela manhã, vendo-a chegar cor-de-rosa de sol e de ventos não sujeitos a chuvas e trovoadas, gemeu:

"Como é linda, meu Deus, como é linda."

E no instante em que o riso da jovem estalou:

"Isto é melhor do que o som de Ravi Shankar."

Pouco depois voltara o homem a examinar suas faturas, quando se assustou com aquela voz ao lado da mesa:

"Posso falar um pouquinho com o senhor?"

Levantando a vista e dando de cara com Sheila, em carne e osso, ele conseguiu gemer:

"Ora, você poderia dispensar o senhor, não é?"

A voz saiu total e inquestionável:

"Eu lhe trouxe um presente da Bahia."

Asdrúbal, sentindo um tremendo nó na garganta, levou a mão ao peito:

"Um presente da Bahia ? Pra mim?"

E ela:

"Exatamente, um presente da Bahia pra você."

Antes de abrir a bolsa, justifica:

"Não é nada demais, apenas uma lembrança, entende ?"

Retirando uma fita vermelha, mostra:

"É isso aqui."

Pede:

"Agora você me dá seu braço esquerdo."

Ele obedece, sem murmurar uma única ou remota palavra. Ela vai em frente, depois de dar duas voltas com o fita no pulso do pobre diabo:

"Vou fazer três nós, a cada um deles, você formula um pedido secreto."

Ao terminar, observa:

"Mas você deixa a fita aí até que ela envelheça e se rompa sozinha, Ok?"

Com os olhos derramando um verde intenso:

"No dia em que isso acontecer, seus três desejos serão realizados."

Isto posto, rodou no calcanhar e murmurou:

"Tchau."

O coração disparado, vivendo um tremendo pânico, o coitado nada conseguiu murmurar, além de um modesto e longínquo "até logo".

Depois, novamente sozinho no seu canto de sala, Asdrúbal por instantes pensou que ia morrer. De dois em dois segundos se dizia, "meu Deus, meu Deus", até que, meia hora depois, já mais calmo, perdeu o olhar no limite do horizonte da janela:

"Como é linda, minha Santa Rita do Passa Quatro, como é linda!"

E a verdade, total e desconcertante verdade, foi que, a partir daquele instante breve, começou a viver em função da fita. Até a hora de dormir, no seu acanhado apartamento - debruçado sobre a bela paisagem do Minhocão, durante dezenas, centenas, milhares de vezes Asdrúbal passou a ponta do indicador na fitinha vermelha, lembrando, a cada uma delas, os pedidos que fizera a cada nó que Sheila dera. Envolto nos lençóis, seu último pensamento antes de apagar foi este:

"Há de dar certo, sei que há de dar certo."

Dormiu sorrindo como um anjo. Se é que anjo dorme. Ou se é que anjo sorri.

Ao saltar da cama no dia seguinte, a primeira coisa que Asdrúbal fez foi olhar para a fita vermelha firmemente amarrada no pulso. Com os três desejos nítidos em sua cabeça, voltou para o escritório, experimentando um bom humor que não sentia há muitos e muitos anos. Tanto que, ao entrar no prédio, vendo-o assobiar, seu Maranca, o ascensorista, perguntou:

"O que foi, faturou na Loteca?"

E ele, deslumbrado e amplo:

"Melhor, amigo, mil vezes melhor."

Bom, mas o fato foi que os dias se passaram com Asdrúbal tendo em mente uma só coisa: o envelhecimento rápido da fita, para que ela se rompesse logo, mesmo porque, a todo instante, ouvia a frase de Sheila:

"Quando isso acontecer, os seus três desejos serão realizados."

Todavia, com o correr do tempo, o homem foi observando que, a cada vinte e quatro horas, a fita, ao invés de apodrecer, parece que ficava mais nova. Claro, em duas semanas, aquilo já era uma espécie de obsessão, a ponto de fazê-lo resmungar:

"Diabo, será que o meu pulso possui alguma vitamina ?"

Em mais quatro dias, na sua ânsia de homem solitário, ele já tinha resolvido: conseguiu com um amigo que trabalhava num laboratório certa quantidade de ácido e, com a pontinha de um palito, foi desgastando a fitinha milagrosa. Na terceira aplicação, ela afinal se rompeu, razão pela qual veio o berro:

"Até que enfim! Até que enfim!"

Assim, naquela ensolarada manhã de quarta-feira, chegou ao escritório mais cedo do que nunca. Na realidade, a porta do prédio ainda não tinha nem sido aberta, por isso Asdrúbal foi fazer hora num café defronte. Mal abriu ele

subiu e esperou. Estava em seu canto quando, afinal, Sheila entrou. O homem se disse com total entusiasmo: "É agora". Na realidade, entretanto, ela passou, sentou e, como fazia sempre, a não ser no dia da entrega da fita, começou a trabalhar, completamente ausente da presença de Asdrúbal. Deprimido, ela não conseguiu se concentrar no trabalho, até que, no fim do expediente, quando Sheila saía, se precipitou:

"Escuta."

E quando ela o viu, mostrou:

"Olha aqui, a fita que você me deu já se foi."

Ela pergunta:

"E quais foram os teus três desejos?"

O fulano mostrou nos dedos:

"O primeiro namorar, o segundo noivar, e o terceiro casar com você."

Depois de um "oh" ela deu um beijo na testa de Asdrúbal que, em segundos, se transformou, de um pobre e velho funcionário, num príncipe azul de 22 anos. Casaram e foram felizes para todo o sempre.